

Transcrição da Entrevista - Entrevistado do grupo amostral constituído por indivíduos com orientação homossexual 1

[Sexo: mulher]

Entrevistador: Boa tarde.

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: Vamos então dar início à nossa entrevista. Idade?

Entrevistado: 30.

Entrevistador: Habilitações?

Entrevistado: 12º.

Entrevistador: Ocupação Profissional?

Entrevistado: Distribuidora.

Entrevistador: Local de residência?

Entrevistado: Covilhã.

Entrevistador: E também é natural de cá da Covilhã?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Estado civil?

Entrevistado: Solteiríssima. [Risos]

Entrevistador: [Risos] Tem filhos?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Não. Pronto. Esta é a parte mais, tem perguntas mais gerais. E agora vamos passar para a parte mesmo assim mais importante. Por quem é constituído o seu agregado familiar? Não sei se é diferente actualmente, do que era na infância, juventude...? Ou se é... por quem é que é constituído? Pai, mãe...?

Entrevistado: Só pai e mãe.

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Irmã já não está em casa, certo. É as pessoas com quem eu vivo.

Entrevistador: Exacto. Isto, entretanto saiu do sítio... Como caracteriza a sua relação familiar? Na infância, actualmente...?

Entrevistado: Boa. Sempre boa.

Entrevistador: Portanto, mantinha, não gostava que fosse diferente nalgum aspecto, não?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: E como vive a sua orientação sexual no quotidiano? Se tem, ou teve, alguns, na altura em que provavelmente assumiu, se teve algumas dificuldades relacionadas com isso...?

Entrevistado: Ai início sim, agora não. É normal, ao início...

Entrevistador: Claro. E porque acha que em determinados contextos, as pessoas com orientação homossexual omitem a orientação?

Entrevistado: Medo, receio...

Entrevistador: Dos outros, não é?

Entrevistado: Dos outros.

Entrevistador: O que os outros pensam...?

Entrevistado: E depende do meio em que a gente vive...

Entrevistador: Exacto.

Entrevistado: Se for em Lisboa ou Porto é uma coisa normalíssima, a gente passa na rua vê um rapaz com um rapaz ou uma rapariga com uma rapariga, é perfeitamente normal...

Entrevistador: É mais... pois...

Entrevistado: Nós aqui estamos numa cidade pacata, um meio pequeno...

Entrevistador: Mais pequeno...

Entrevistado: É normal.

Entrevistador: Mais à frente também vou questionar sobre isso. Isso é um aspecto importante. No seu entender o que é que significa a heterossexualidade?

Entrevistado: [Risos] Olha, se queres saber, eu vou-te dizer uma coisa, eu namorei sete anos com um rapaz, sete. Nunca tive relações com ele. Nunca. E descobri a minha homossexualidade com dezasseis anos. Eu namorei com o rapaz ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo namorava com uma rapariga, pronto, e daí a minha escolha. Por raparigas. Não sei explicar. Não perguntes, eu acho que foi algo que nasceu comigo, não sei.

Entrevistador: Mas, em relação à heterossexualidade, podemos dizer que, podemos dizer que se calhar é aquilo que se aceita socialmente, mais...?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Se calhar, algo também histórico e socialmente construído, não é, que é aquilo que as pessoas... não sei se também pensas - vamos tratar-nos por tu, que é mais, se calhar é mais, mais fácil a interacção...

Entrevistado: Dizem que Deus criou o homem e a mulher, não é, mas também dizem que a maçã é o fruto mais apetecido, ou, como é que é... o fruto...

Entrevistador: ...proibido é o mais apetecido.

Entrevistado: ...proibido é o mais apetecido. Exacto. Pronto, lá está, tens aí a resposta. [Risos] Então não é, é verdade.

Entrevistador: Ok. Na tua opinião, existem diferenças significativas entre pessoas com orientação homossexual e pessoas com orientação heterossexual, para além da orientação sexual? Ou seja, se existem grandes diferenças, para além da orientação sexual entre umas e outras? Ou se...

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Achas que sim?

Entrevistado: Eu acho que sim.

Entrevistador: Portanto, mesmo enquanto pessoas, achas que são diferentes? Com uma ou com outra orientação sexual? Sim?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como por exemplo? Já agora, para eu perceber um bocadito melhor.

Entrevistado: [Risos] Depende, percebes. É assim, eu acho que sim, na minha opinião eu acho que sim - não faz mal - daquilo que eu já vivi ao longo da minha vida, eu penso que sim, oh pah, porque há sempre aquelas pessoas que têm o medo, o receio, que não arriscam, que têm medo *de*, percebes. Até podem sentir, mas têm medo *de* - e o *de* é o meio em que nós estamos inseridos. Eu penso que é assim. Já passei por várias experiências, já vivi com uma rapariga, vivi com uma rapariga cinco anos. Tive três relacionamentos na minha vida, posso dizer desses três relacionamentos sérios, percebes, de cinco, dois e um ano e meio. Neste momento, estou a passar por uma fase da minha vida que nunca passei, eu estou com uma pessoa que nunca se envolveu com uma mulher, que tanto hoje sabe aquilo que quer, mas amanhã já não sabe.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: E isso vem do medo, do receio, percebes, daquilo que as pessoas dizem ou deixam de dizer, a nível profissional... também vem daí.

Entrevistador: Sente-se um bocado a discriminação também no meio profissional, não é?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Sente-se, se calhar, aquela necessidade de ocultar, não é, de não dizer, não é?

Entrevistado: Mas eu acho que ninguém deve deixar de viver por causa disso.

Entrevistador: Claro.

Entrevistado: Porque a gente pode viver, pode viver bem, pode estar bem e as pessoas simplesmente comentarem, porque nunca viram, percebes?

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Quando estão a ver, é uma coisa, quando não vêm, pah, olha, é a boca do povo. É mesmo assim. Eu penso que é assim, percebes.

Entrevistador: Se calhar se existisse mais divulgação, também haveria mais aceitação, não?

Entrevistado: Hoje em dia já há muita divulgação, e mesmo assim não há aceitação.

Entrevistador: Se calhar, tem a ver também, passa aí um bocado pelos meios não é...?

Entrevistado: Eu acho que isso vem da pessoa. Eu acho que isso vem da pessoa, percebes. Eu, na minha maneira de pensar e de tudo aquilo que eu já vivi, entendes, eu acho que isso já vem da pessoa, mesmo. Não vem de... Oh pah, porque é assim, tu queres ser feliz, toda a gente quer ser feliz, não é, e tu para seres feliz tens que arriscar, não é. É a mesma coisa num relacionamento com um homem, imagina, os teus pais não o aceitam, ou os pais dele não aceitam, não é. Neste meio é a mesma coisa, os pais não aceitam, qual é que é o pai que aceita? A minha mãe ao início não aceitava. O meu pai não sabe, a minha mãe sabe, o meu pai não, a minha mãe ao início era um filme do caneco, agora não. Agora é uma coisa perfeitamente normal. Até é ela própria a questionar-me a mim, a saber se está bem, o que é que se passa, o que é que não se passa... Isso depende da pessoa. Eu penso assim. Há muita gente que não, mas eu penso assim. Tudo aquilo que já vivi, penso dessa forma.

Entrevistador: Ok. Então e, dentro de alguns factores, como por exemplo, a etnia ou o género, que podem originar atitudes ou comportamentos preconceituosos e excludentes, não é, achas que a orientação homossexual pode ser um dos que desencadeia posturas mais discriminatórias?

Entrevistado: Sim. Sem dúvida alguma.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Sei lá porquê... Não é uma coisa normal, para a maior parte das pessoas não é uma coisa normal. Sabes, isto vai de geração para geração. A minha geração, agora, a gente tem que esconder, daqui, sei lá, a cinco ou seis anos a nova geração que vem já não tem que esconder. Tu vês miúdas aí de mão dada, vês miúdas, sei lá, a darem beijos, miúdas! Estamos a falar de miúdas! Percebes. Aquilo está a nascer com elas, não sei. Eu penso que é assim, não sei. Eu não sei explicar, porque é assim, olha, eu, eu tenho trinta anos, não é, e comecei nisto com quinze anos, eu comecei nisto muito nova e na altura tinha namorado, é mesmo assim, eu na altura tinha namorado. Eu namorei sete anos com um rapaz, que me respeitou, acima de tudo, posso dizer mesmo que me respeitou, porque... não é, tu namoras sete anos com uma pessoa, estás sete anos com uma pessoa, é assim, no meu pensar, num relacionamento tem que haver sexo, porque se não houver sexo, não há nada. Eu penso assim, percebes. Pah, e eu nunca tive nada disso com ele. Nunca. Nunca. A minha cena foi sempre mulheres, mulheres, mulheres, oh pah, não sei, nasci comigo...

Entrevistador: Exacto.

Entrevistado: Não sei explicar, sei lá agora.

Entrevistador: E, já agora, consideras que a discriminação e a exclusão são idênticas tanto para homens como para mulheres com orientação homossexual? Ou difere consoante o género, ou seja, mesmo tendo a orientação homossexual, tanto homens como mulheres, difere por serem homens ou por serem mulheres?

Entrevistado: Eu digo-te uma coisa, agora não, agora não, porque é assim, tu quando comesças a viver neste meio, se tu saís um bocadinho, se alargas mais um bocadinho, se conheces novos locais, se frequentas locais, tipo uma discoteca, tu vais a uma discoteca, quem é que está numa discoteca? Certo? Casais - homem, mulher - pah, também vês mulher com mulher, mas não vês mulheres agarradas, não vês mulheres a dar beijos, não vês homens agarrados a dar beijos. Eu ao início, a mim fazia-me confusão dois homens e faz na cama, entre aspas, percebes, pah, imagina, tenho amigos gays, atenção, pah, mas quando tu dás largas, percebes, comesças a ver as coisas de outra forma, a mim não me faz confusão nenhuma, absolutamente nenhuma, para mim é uma coisa, hoje em dia, há coisa de, posso dizer, quatro ou cinco anos, mas antes disse, percebes, fazia-me confusão.

Entrevistador: Sim. E, em relação mesmo, por exemplo, agora falando em termos que normalmente se utilizam mais - gays e lésbicas - mesmo comparando esses dois grupos, achas que existe discriminação mais para lésbicas do que para gays ou é...?

Entrevistado: Eu acho que existe mais para os homens.

Entrevistador: Mais discriminação para os homens?

Entrevistado: Eu penso que sim. Na minha opinião.

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Eu penso que sim.

Entrevistador: Portanto, achas que o preconceito está mais associado à homossexualidade masculina do que à feminina?

Entrevistado: Masculina, do que à feminina, exactamente.

Entrevistador: Sim. Ok. Portanto, em contextos de, portanto, para ti, em que contextos a discriminação e a exclusão acontecem com maior evidência? Por exemplo, na família, no trabalho, na saúde, na justiça, na segurança, na lei em geral, sei lá... na escola?

Entrevistado: Principalmente na família e a nível profissional.

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Principalmente. Na sociedade, e também na sociedade em que estamos inseridos, sim. Acho que é assim, tu tens um trabalho, imagina, eu tenho o trabalho que tenho e conheço muita gente, ando todos os dias na rua, oiço comentários, eu já passei por isso, entendes, é uma coisa normal que a mim passa completamente ao lado. Mas eu acho que se um dia o meu patrão soubesse de uma coisa destas, ou ouvisse falar de uma coisa dessas, o que interessa é o trabalho que tu fazes, percebes, não é aquilo que tu és fora do trabalho...

Entrevistador: Claro.

Entrevistado: ...não tem nada a ver. Mas no trabalho principalmente.

Entrevistador: Quer dizer, uma coisa não tem que influenciar a outra, não é?

Entrevistado: Exactamente. Mas há muitos locais que influencia, sabes. Olham para ti, “Olha, esta gaja é... ou é lésbica ou já me disseram que esta gaja é lésbica, não quero aqui esta gaja a trabalhar”... É verdade, isso pode acontecer. Eu sei de situações que já aconteceuu.

Entrevistador: Esse é um bom argumento. É sim senhor. E, na tua opinião, que tipo de discriminação sofrem as pessoas com orientação homossexual? Tanto homens como mulheres? Por exemplo, na questão, por exemplo, da legislação, não é, dos direitos...

Entrevistado: Dos direitos...

Entrevistador: ...por exemplo, não sei se concordas?

Entrevistado: Concordo.

Entrevistador: Por exemplo, um exemplo, muito específico, se a pessoa disser, “Eu sou...” - falando em termos mais corriqueiros - “Eu sou gay” ou “sou lésbica”, não podem dar sangue.

Entrevistado: Pois é. Isso é verdade.

Entrevistador: É uma coisa que...

Entrevistado: Depende. Depende, imagina uma situação, que há uma pessoa que necessita do sangue, certo, de um tipo de sangue. Imagina que só eu, ou tu ou... pronto, eu que sou lésbica, não é, e que, que só eu é que tinha esse tipo de sangue, achas que não queriam?

Entrevistador: Pois, exactamente, a questão é que - não indo assim para esses casos mais radicais, digamos assim - não é, não é permitido, digamos assim, não fazem, portanto não, não fazem a...

Entrevistado: Pois não. E normalmente costumam dizer...

Entrevistador: ...transfusão de sangue.

Entrevistado: ...nas mulheres não e sabes que os homens... em termos de... HIV e não sei quê, os homens são mais afectados do que as mulheres, principalmente os homens, as mulheres não é tanto. Eu acho que as mulheres aceitam.

Entrevistador: Por causa da transmissão...

Entrevistado: Exactamente. Eu acho que, eu acho que isso é mais nos homens, não é nas mulheres.

Entrevistador: ...portanto, ser sexualmente transmitida. Ok. Alguma vez estiveste sujeita a algum tipo de discriminação com base na orientação sexual?

Entrevistado: Sim, muitas vezes na minha vida.

Entrevistador: Sim... Assim um exemplo, assim mais, sei lá, marcante ou outro exemplo qualquer que queiras...

Entrevistado: Fui envergonhada perante toda a gente onde eu vivo.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Por uma pessoa que, pah, simplesmente telefonou a uma amiga minha, amiga, amiga, amiga mesmo, portanto, ela sabia aquilo que eu era, sempre soube nunca lhe omiti, eu não ando com um letreiro na testa, mas também nunca omiti - aos meus amigos, nunca - e nós éramos grandes amigas e saíamos muitas vezes as duas e não sei quê, e tive que ir a tribunal, e ganhei a acção. Em tribunal. E não lhe quis nada. Do meu dinheiro. E fui ali mesmo para o castigar, porque me humilhou na frente de toda a gente, ele humilhou-me, percebes... olha, não saía de casa, e quando saía de casa baixava a cabeça... quando entrava, imagina tinha que ir às vezes ao café comprar um maço de tabaco, envergonhava-me, porque entrava no café e, tipo, sabes o que é viver numa aldeia...?

Entrevistador: É aquela questão do rótulo, não é?

Entrevistado: Exactamente!

Entrevistador: Que rotulam as pessoas...

Entrevistado: Exactamente, as pessoas não têm que ter rótulos, ninguém tem que ter rótulos...

Entrevistador: Claro.

Entrevistado: ... na vida, “Olha, aquela anda com uns e com outros...”, não tem que ter um rótulo, eu sou lésbica, não tenho que ter um rótulo, ninguém tem que ter um rótulo, percebes. Agora é assim, custou-me imenso ao início, mas depois também foi uma coisa perfeitamente normal, pah, porque é assim, tu chegas a um ponto e comesas, esqueces as coisas, entendes... se as pessoas falam, se não falam, não queres saber. És aquilo que és...

Entrevistador: Claro.

Entrevistado: ...tens que admitir aquilo que és, pura e simplesmente, para os teus amigos e para a tua família, para quem tu queres da tua família, pah, e tenho... tenho uma situação com a minha irmã - a minha irmã sabe perfeitamente -, nunca me perguntou, porque o dia em ela me perguntar eu não tenho problema nenhum em lhe dizer, “Sim senhora, sou”, e ela sabe que eu sou, sempre soube, percebes, sempre soube. A minha mãe não. A minha mãe fui eu que contei, quando saí de casa.

Entrevistador: Ok. Consideras que existem diferenças na vivência da homossexualidade, ou seja, por parte das próprias pessoas, e, ao mesmo tempo, na aceitação desta, da homossexualidade, por parte da população em geral, entre meios mais pequenos do interior do país e meios mais, de maior dimensão do litoral do país - estávamos há bocado a falar sobre esta questão -, achas que existem diferenças?

Entrevistado: Sim, sem dúvida alguma. Sem dúvida alguma. Estamos a falar de grandes cidades, e de aldeias e cidades pacatas...

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Lisboa, Porto, perfeitamente normal, aqui não. Aveiro também já. Sabes o que é que eu acho que havia de haver, pah, tipo, Covilhã e Castelo Branco, percebes, tipo um bar gay, uma discoteca gay, para as pessoas deixarem de ter vergonha, para as pessoas, porque é assim, quem frequenta as discotecas gays, não são só...

Entrevistador: Fazer aqui uma pausa... Sim...

Entrevistado: ...não é só os gays e as lésbicas.

Entrevistador: Exacto.

Entrevistado: Muitos casais que entram nestes ambientes à procura de, fantasias sexuais, percebes? Ou um homem com duas mulheres, ou uma mulher com dois homens. E quem é que eles procuram? Procuram os gays e procuram as lésbicas. Aqui não vês nada disso.

Entrevistador: E, por exemplo, que factores é que achas que possibilitam essa diferença? Por exemplo, posso dar alguns exemplos, o facto de haver um maior anonimato nas cidades maiores, não é, por exemplo; de haver uma maior liberdade de expressão dos sentimentos, por causa também, de associar também este anonimato, não é, as pessoas não se conhecem tanto como nas zonas mais pequenas...

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Sim...?

Entrevistado: Exactamente, é mesmo isso. Vives numa cidade, imagina, vives numa cidade onde vivem cinco mil pessoas, essas cinco mil pessoas todas se conhecem e mesmo que não se conheçam, percebes, é como lá está, lá está aquilo que tu disseste há pouco, que referiste há pouco dos rótulos, percebes, estamos a falar em cinco mil, para vinte mil, uma grande diferença.

Entrevistador: Exacto. Então, incluindo a sua vivência - de certa forma já respondemos também - mas incluindo a tua vivência como é que achas que a homossexualidade é vivida na Beira Interior, pelas próprias pessoas?

Entrevistado: Muito mal. As pessoas têm medo, têm receio, cada vez mais. Mas também te digo uma coisa, cada vez há mais gays e mais lésbicas.

Entrevistador: Se calhar vão-se assumindo mais, não é?

Entrevistado: Vão-se assumindo, exactamente.

Entrevistador: Saem do armário, como se costuma utilizar a expressão, não é? Costuma-se utilizar essa expressão?

Entrevistado: [Risos] Eu acho que essas pessoas limitam-se, imagina, se tu tiveres numa grande cidade, queres sair, queres beber um copo com a pessoa que está contigo, e consegues fazer isso. Tens locais para isso. Aqui não tens. Então as pessoas aqui limitam-se a juntar aquele grupinho, mas aquele grupinho não vai a um café onde está muita gente, percebes. Porquê? Porque basta entrar aquele grupinho, “Olha, aquelas já são lésbicas”, é o que acontece. Percebes. Eu associo por aí, não sei. Eu não faço isso. Também não ando com um rótulo na testa, mas também não faço isso.

Entrevistador: Claro. Portanto, agora vamos já passar para outra parte. Como é que defines na tua opinião família?

Entrevistado: Família? Olha, para mim, desde que exista amor, paz e felicidade, já é família, independentemente de ser uma mulher com um homem, ou independentemente se serem dois gays ou duas lésbicas.

Entrevistador: Ok. Na sua, na tua opinião - estou a dar com o “sua” -, na tua opinião qual a importância dos filhos para a pessoa ou para o casal? A importância dos filhos? Sim... A importância de ter filhos?

Entrevistado: Mas quê, casais homossexuais?

Entrevistador: Independentemente, independentemente dessa questão.

Entrevistado: É igual.

Entrevistador: Portanto, achas que é sempre importante, a partir do momento em que os desejem é sempre importante?

Entrevistado: Exactamente. À partida, desde que duas pessoas queiram e... podem ser, não é, pode ser um casal, ou pode ser, pah, lá está, aquilo que vem agora, se a gente pode adoptar, se não pode adoptar... eu acho que deveriam poder adoptar, porque uma criança tanto leva amor de um casal, entendes, de um homem e de uma mulher...

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: ...como tem amor de duas lésbicas, de dois gays.

Entrevistador: Sim?

Entrevistado: Eu associo por aí. Desde que não falte isso à criança, desde que não falte nada à criança...

Entrevistador: Também já lá vamos. [Risos]

Entrevistado: Certo?

Entrevistador: Exacto. E o que é que pensas sobre a ideia - porque há um bocado esta ideia associada - de que os filhos precisam da figura masculina, ou seja do pai, e da figura feminina, da mãe, para o bem-estar e para o desenvolvimento psico-social. O que é que pensas sobre esta questão?

Entrevistado: Eu penso que é igual. Eu penso que é igual. Sabes, é assim, normalmente costumam dizer dentro do casal homossexual, não é, que há sempre aquela mulher que é o 'macho' [risos]...

Entrevistador: Também há essa ideia.

Entrevistado: ...há essa ideia, mas não, podem até ser duas pessoas bastante femininas, pah, mas a criança escolhe sempre... e é verdade, como se costuma dizer, é como os animais, os animais escolhem o seu próprio dono, não é... as crianças é igual. Eu penso assim, não sei. Para mim é igual. Eu vejo as coisas, estás a ver, perfeitamente normais, perfeitamente. Qual é que é o problema de uma criança ter duas mães ou qual é que é o problema - eu conheço situações assim -, ou qual é que é o problema de uma criança ter dois pais?

Entrevistador: Portanto...

Entrevistado: É igual, pode ser é discriminada na escola e...

Entrevistador: Pois, isso já é outra questão. Exactamente. Portanto, achas que uma criança se desenvolveria de forma idêntica tendo dois pais ou duas mães...

Entrevistado: Dois pais ou duas mães.

Entrevistador: ...ou um pai ou uma mãe?

Entrevistado: Exactamente. Sem dúvida alguma.

Entrevistador: Portanto, não era pela orientação sexual dos pais, é isso?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ok. E o que é que, na tua opinião, é necessário para prestar cuidado e educar os filhos?

Entrevistado: Respeito. Olhar. Eu fui criada com olhar. Nunca levei uma porrada na vida. E, posso dizer, principalmente do meu pai, lá está, percebes, a gente escolhe, não é, a gente escolhe a própria pessoa. Eu fui criada com olhares. Nunca à base de porrada, nunca à base de castigos, nunca. Sempre tive liberdade e se um dia acontecer comigo, se tiver uma criança, essa criança vai ter a mesma liberdade que eu tive. Porque acho que é assim é que as crianças crescem, não é à base de porrada, não é à base... Quantas crianças, olha, imagina, quantas pessoas não têm crianças, olha, quantas pessoas, um casal, um casal, percebes,

homem e mulher, desejam ter uma criança e não conseguem ter uma criança, percebes, casais homossexuais que têm possibilidades para adoptar uma criança e não lhes deixam adoptar uma criança, simplesmente por serem homossexuais, não é. E quantas crianças não há abandonadas por aí?

Entrevistador: Exacto.

Entrevistado: É ou não é?

Entrevistador: Já aí vamos, já aí vamos.

Entrevistado: Sem amor, sem carinho, é verdade.

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Sem nada.

Entrevistador: Portanto, podíamos dizer que dar educação - tinhas falado na questão do respeito -, por exemplo, a questão da segurança, da escolarização, essas coisas todas, passa por aí?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistado: Ok. E achas que a orientação sexual dos pais tem influência no desempenho das funções parentais, na educação dos filhos, ou não?

Entrevistado: Não. Eu acho que não.

Entrevistador: Portanto é independente, dar educação a um filho, na tua opinião, é independente, é independente da orientação sexual dos pais?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Portanto, conseguem dar-lhe, duas mulheres ou dois homens, conseguem...

Entrevistado: Dar educação.

Entrevistador: ...educar uma criança de forma semelhante?

Entrevistado: Desde que tenha estabilidade, desde que tenha estabilidade, lá está aquilo que eu te disse, respeito, percebes, desde que haja respeito, há tudo. É como em tudo na vida, as pessoas desde que se respeitem umas às outras 'tá tudo, e eu acho que se a gente acompanhar o crescimento de uma criança, não é, como é que eu te hei-de explicar...? Imagina, tu vives num ambiente onde há discussões, onde há... pah, stresses, eu não digo pancada, percebes, entre o casal, seja ele como for hétero ou homossexual, seja ele como for, mas eu acho que uma criança que vive num ambiente de discussões, de... percebes, começa-se a aperceber das coisas, e isto é o desestabilizar de uma criança. Eu associo por aí.

Entrevistador: Portanto, o ambiente na própria família?

Entrevistado: Exactamente. Exactamente.

Entrevistador: Ok. Agora vamos passar para a quarta parte. Consideras que a relação entre homem e mulher é fundamental para garantir a procriação ou não?

Entrevistado: Não. [Risos]

Entrevistador: Ok. Alguma da controvérsia em relação à parentalidade por casais do mesmo sexo...

Entrevistado: Desculpa não...

Entrevistador: Alguma da controvérsia em relação à parentalidade por casais do mesmo sexo aponta para o facto de não conseguirem garantir entre si a procriação, não é? O que é que pensas sobre esta questão?

Entrevistado: Explica-me.

Entrevistador: Por exemplo, normalmente as pessoas pensam ou referem que, estão mais, por exemplo, mais contra a questão da homossexualidade, porque pensam que não permite garantir - terem filhos - a procriação humana, entre dois homens ou duas mulheres não pode haver filhos biológicos, digamos assim.

Entrevistado: Pode. Aqui não. Na Holanda...

Entrevistador: Reprodução Medicamente Assistida. Também já lá vamos.

Entrevistado: Inseminação *in vitro*, não é?

Entrevistador: Exacto.

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Exactamente. Portanto, não concordas com esta ideia, de que...

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Sim... que põe necessariamente em causa a procriação humana?

Entrevistado: E quantos casais não podem - casais héteros - que não podem ter filhos, como é que fazem?

Entrevistador: Exactamente. É igual.

Entrevistador: Portanto, aqui seria dar as mesmas ferramentas, entre aspas, tanto para uns como para outros...

Entrevistado: ...Como para outros, exactamente.

Entrevistador: ...seria isso?

Entrevistado: Pois.

Entrevistador: Ok. E, no teu entender, o que é que está em causa na não aceitação, por parte da população em geral, de que casais do mesmo sexo tenham filhos? Porque há muitos... parte da população em geral não aceita que casais do mesmo sexo tenham filhos.

Entrevistado: Lá está, por uma criança ter duas mães ou ter dois pais. Vem da velha história, que o homem nasceu para a mulher. [Risos]

Entrevistador: Pois.

Entrevistado: Não é? Acho que as pessoas vão por aí. Já viste uma pessoa de idade ver duas mulheres a beijarem-se, pah, na rua ou na televisão ou seja o que for, é o fim do mundo.

Entrevistador: Pois.

Entrevistado: Caía o mundo, percebes. Para nós já não, a geração, sei lá...

Entrevistador: Ou seja, está aí implícito questões morais e éticas, por exemplo?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistado: Ok. Consideras que as técnicas, as tecnologias reprodutivas devem ter como único propósito o tratamento em situações de infertilidade, ou devem ser técnicas que permitam ter filhos, independentemente da questão de ser infértil, ou não?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Portanto, deve ser independente dessa questão? As técnicas reprodutivas deviam estar...

Entrevistado: associadas a todos.

Entrevistador: Exacto, desde que se quisesse ter filhos, que não pudessem ter de forma natural, digamos assim. Seria isso?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Sim? O que significa, o que é que significa, para ti, adoptar uma criança?

Entrevistado: O que é que significa para mim adoptar uma criança, independentemente da situação?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Pronto, já falando da minha situação...

Entrevistador: A tua opinião.

Entrevistado: Olha, para já, para conseguires adoptar uma criança tens que ter condições para. Independentemente de ser um casal homossexual ou de ser um casal heterossexual. Vão investigar a tua vida toda, percebes, desde contas bancárias, desde... eu acho que não devia, pah, não há necessidade para isso, hoje em dia, não há necessidade para isso, lá está, a situação de vários casais quererem ter um filho, independentemente da situação deles, quererem ter um filho, ou não poderem ter, percebes ou não... pah, quantas crianças não há a morrer à fome, falando mesmo assim, quantas crianças não vão, sei lá, para um colégio, ou para um externato, ou seja para aquilo que for, e são maltratadas - e assim se viu na Casa Pia, isso é verdade - pah, para mim é... sei lá, era a coisa que eu mais queria ter na vida, mas com uma mulher. Sou sincera contigo. Era a coisa que eu mais gostava de ter, mas para isso também tem que vir das duas partes, não pode vir só de uma.

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Sabes que nestas situações há sempre uma que quer e a outra que não. É muito complicado. E depois, até te mentalizares, percebes... eu associo por aí, eu sempre quis ter filhos, não digo que não. Olha, até te digo, se tivesse uma mulher, percebes, e que ela me dissesse assim, "Eh pah, vamos ter um filho" - porque é assim adoptar é muito complicado -, "Vamos ter um filho", se ela quisesse estar com um homem para a gente ter um filho, eu não me importava. A sério, não me importava. Para mim é importante.

Entrevistador: Ou seja, aí os laços afectivos seriam mais importantes do que o laço biológico, digamos assim?

Entrevistado: Exactamente. Exactamente.

Entrevistador: Que, por acaso, é a pergunta seguinte. [Risos] Por acaso é. Eu ia-te perguntar se o vínculo biológico, não é, consanguíneo, entre pais e filhos define o significado e a intensidade da relação entre estes, ou a relação pode ser definida segundo, ou pelo vínculo afectivo? Achas que sim?

Entrevistado: Olha, eu digo-te, lá está foi aquilo que eu referi na pergunta anterior...

Entrevistador: Esse exemplo, sim. Por esse exemplo, sim.

Entrevistado: ...eu não me importava.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Desde que eu quisesse e ela quisesse...

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: ...tipo, para não passarmos pela adopção... percebes, para a gente não passar por nada disso, eu não me importava. Eu, falando por mim.

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Eu com um homem não, percebes, isto tinha que ser um acordo entre as duas, se ela quisesse, uma mulher que, se ela tivesse estar, realmente, com um homem e a gente tivesse preparada para ter um filho e ela se preparasse também psicologicamente, não me importava que ele desse o nome ao filho, não me importava, não lhe queria nada, percebes, simplesmente para não estar a passar por isto. Eu conheço situações assim, tenho um amigo meu assim, porque se casou, estás a ver, mas ele teve mesmo que se casar... e ele vive com um rapaz e ela vive com uma rapariga, percebes, e então, elas não queriam e eles os dois queriam, e eles como eram muito amigos, percebes, deitaram-se os dois, tiveram um filho e ele ficou com eles. Não ficou com elas, mas porque eles queriam mesmo, percebes, e elas não.

Entrevistador: Sim, sim, sim.

Entrevistado: Elas não, não é.

Entrevistador: Ficou assim acordado? Ok. E consideras que a adopção deve reproduzir, porque o facto de também a lei não permitir que casais com orientação homossexual possam adoptar, é também pela questão de que, querem que a família siga o padrão tradicional, pai, mãe e filhos, portanto, e o que eu queria perguntar é se achas que deve ser mais abrangente do que isso, não é? A adopção, poderem adoptar e não estar - a questão da família - não estar restrita à ideia de família tradicional.

Entrevistado: Ser pai e mãe, não é?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Portanto, achas que devia, que deve ser mais abrangente, não é...

Entrevistado: Devia ser para toda a gente.

Entrevistador: ...a noção de família?

Entrevistado: Exacto. Não, e ouve, olha, imagina, até sendo só uma pessoa, só uma pessoa, podendo adoptar um filho, essa pessoa...

Entrevistador: Monoparental. Família monoparental, por exemplo.

Entrevistado: ...ter condições para isso e não poder adoptar um filho, é a mesma coisa, eu posso viver com uma mulher, ninguém saber que eu estou a viver com essa mulher e adoptar um filho. Quem é que sabe que o filho é meu, entre aspas, não é, que é meu e dela, que eu vou criá-lo, eu e ela, percebes. Há muitas jogadas, a gente pode jogar de muita forma, mas depois também te podem investigar a vida, também te podem, eh pah, essas cenas, isso é agora, isso daqui a quatro ou cinco anos, a lei já mudou, nem é preciso tanto. É verdade.

Entrevistador: Achas que sim?

Entrevistado: Não acho, tenho a certeza absoluta.

Entrevistador: Também já há mais pressão nesse sentido, não é, mesmo pessoas que não estão inseridas no grupo dos homossexuais já lutam...

Entrevistado: Pois já.

Entrevistador: ...pelos direitos, não é. Mas...

Entrevistado: Muitos até, olha, muitos até pais de gays e de lésbicas e não sei quê, já...

Entrevistador: Sim...

Entrevistador: ...já lutam por isso mesmo. Porquê? Porque querem ver os filhos bem, porque...

Entrevistado: A felicidade dos filhos, não é?

Entrevistado: Exactamente. A felicidade acima de tudo.

Entrevistador: E o bem-estar?

Entrevistado: E o bem-estar. Uma pessoa não precisa de estar com um homem para ser feliz. Eu associo por aí.

Entrevistador: Sim, sim.

Entrevistado: Cada um sabe o que é, é ou não é?

Entrevistador: Ok. Agora vamos para a parte da, mais virada para a legislação. É a última parte. Depois há só mais umas perguntitas mais gerais, mas esta é a última parte. Como é que caracterizas a legislação portuguesa quanto a questões relacionadas com a sexualidade, em particular com a orientação homossexual?

Entrevistado: Muito má. Porque as pessoas não aceitam.

Entrevistador: Pois. Portanto, não sei se, vou dar aqui algumas hipóteses de resposta...

Entrevistado: E cada vez mais, e cada vez mais... a rede Ex aequo, não é, e... fazem manifestações gays, lésbicas e transgénero para que divulguem mais...

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: ...aqui não, percebes, mas há muita gente que vai daqui para Lisboa e para o Porto para essas manifestações, e posso dizer, nessas manifestações - eu fui uma vez, a Lisboa -, nessas manifestações tu vês milhares e milhares e milhares de pessoas, meu! Eu acho que até pessoas de idade, vê bem, aqui não vês nada disso, mas pessoas de idade, “cotas” mesmo, tu olhas para eles e dizes assim, “Olha, cinquenta, sessenta anos”, percebes, de mão dada, aos beijos, na boa. Eu acho que havia de haver muito mais, em vez de haver uma por ano, havia de haver quatro ou cinco. [Risos]

Entrevistador: Portanto, a legislação em Portugal se calhar, não sei se a achas um bocado homofóbica, sexista, por exemplo...?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Achas que sim? Se calhar, também, há uns tempos para cá já promove mais a igualdade, por exemplo, em relação ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, mas mesmo assim, ainda não há...

Entrevistado: Desde que essa lei entrou em vigor, pelo menos dois ou três casais conseguiram dar a cara, imagina quantos casais não poderiam dar a cara, e não podem dar a cara, percebes. Mais pela família, lá está, família, trabalho, percebes. Ainda na semana passada - não sei se leste no jornal - na semana passada - qual é que foi o jornal, já não me lembro - eu li no jornal da semana passada que, na Figueira da Foz - Correio da Manhã, exactamente, na semana passada, eu não sei se faz hoje oito dias ou se faz amanhã oito dias, mais ou menos assim uma ideia -, duas mulheres deram o nó. Mais duas. Eu fiz uma festa, “Olha mais duas” [risos], mais duas.

Entrevistador: Exacto. Portanto, agora vou perguntar exactamente sobre isso, o que é que significa, na tua opinião, a aprovação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo?

Entrevistado: Isso era a melhor coisa que podia existir na vida. Sabes uma coisa? Independentemente dessa lei, pah, entrou em vigor, certo? Mas a maior parte das lésbicas e dos gays não são capazes. Há sempre aquela, há uma não, estás a perceber, assim, quando um não quer... como é que se costuma dizer... “quando um não quer, os dois não fazem”, não é, normalmente é assim que se costuma dizer, se não é assim, é por outras palavras, é parecido. Mas nestas situações, as pessoas lutam para isso, não é, para o casamento, etc., etc., mas não conseguem dar esse passo. É preciso ser muito forte mesmo, percebes, para

conseguirem dar esse passo. E independentemente de ser forte ou não, as pessoas vão pela família.

Entrevistador: Portanto, há sempre o travão família, o travão emprego, por exemplo...

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: Ok. E, este ano, foi reprovado o projecto-lei que visava garantir os direitos, como direitos, aliás, o acesso à Reprodução Medicamente Assistida para mulheres e à adopção por homens e mulheres com orientação, ou melhor, por casais do mesmo sexo. O que é que pensas desta reprovação?

Entrevistado: O que é que eu penso dessa reprovação? Lá está, a minha opinião que te dei há pouco, uma pessoa não precisa de ser um casal homem e mulher, percebes, para poder adoptar uma criança, para poder criar uma criança, para uma criança ser sociável, para uma criança... sei lá, crescer na vida, percebes...

Entrevistador: Portanto, vêes com maus olhos esta reprovação?

Entrevistado: Exactamente.

Entrevistador: E consideras que o facto de algumas famílias, especificamente as constituídas por pessoas do mesmo sexo, serem excluídas do acesso legal à parentalidade, se isso põe em causa também os direitos à criança?

Entrevistado: Exactamente. Claro que põe. É óbvio que põe.

Entrevistador: Porque, se calhar, existem crianças que poderiam ser adoptadas, não é, eu não sei se pensas assim?

Entrevistado: E não são. E não são. E são maltratadas, percebes. Olha, imagina, uma criança que vai para um colégio, uma criança que vai para um externato, percebes, não tem pai nem mãe, foi abandonada, seja aquilo que for, podia ser bem tratada, independentemente de ser com um casal homossexual ou de ser com um casal heterossexual, e está ali. A fazer o quê? Com regras? Regras aprende tanto com um casal homossexual, como com um casal heterossexual. É a minha opinião. Respeito, é ou não é? Respeito, a criança crescer, o crescer em si, não sei. Para mim, olha, sou contra isso.

Entrevistador: E mesmo - já estamos quase na recta final -, mesmo tendo sido reprovado, consideras que um dia - já tinhas respondido também a esta questão -, que um dia os casais do mesmo sexo vão ter iguais direitos reprodutivos e parentais?

Entrevistado: Não tarda muito, quatro, cinco anos. [Risos]

Entrevistador: Achas que se está a lutar por isso?

Entrevistado: Sim, sim. Cada vez mais, cada vez mais.

Entrevistador: E neste cenário de aprovação legal destas possibilidades, não é, da reprodução e do acesso à parentalidade, achas que tanto devem ter direito à Reprodução Medicamente Assistida, casais do mesmo sexo homens, como mulheres? Por exemplo, fala-se na questão de os homens poderem ter direito à maternidade de substituição - que é aquilo que é conhecido por "barrigas de aluguer" e as mulheres também, sim as mulheres também - e, por exemplo, as mulheres no caso da inseminação artificial. Não sei se consideras que ambos os casos devem ter direito a isso?

Entrevistado: Direito, sim. Sim, claro que sim.

Entrevistador: Ok. Portanto, na tua opinião, existe uma significativa reivindicação, por parte das pessoas com orientação homossexual, tanto sejam homens como mulheres, por direitos sexuais, reprodutivos e parentais? Achas que há uma efectiva reivindicação por parte destas

peessoas para esses direitos? Ou seja - vou repetir - se achas que, na tua opinião, se as pessoas com orientação homossexual reivindicam por direitos sexuais, reprodutivos e parentais, para elas próprias, para elas próprias, se reivindicam esses direitos ou se ainda são um bocadinho, se ainda ficam um bocadinho à retaguarda, se ainda não participam tanto, se... na reclamação desses direitos?

Entrevistado: Não, eu acho que cada vez participam mais. Eu acho que cada vez há menos pessoas a tirar a capa [risos], percebes, a tirar a capa. Costuma-se dizer mesmo assim. Eu acho que cada vez há mais.

Entrevistador: Que reivindicam pelos direitos para eles próprios?

Entrevistado: Sim. Pelos direitos. Exactamente. Eu acho que sim.

Entrevistador: Ok. E achas que tem sido eficaz essa conquista pelos direitos?

Entrevistado: Sim, cada vez mais. Já conseguiram o casamento.

Entrevistador: Exacto.

Entrevistado: Certo?

Entrevistador: Exactamente.

Entrevistado: Qualquer dia é a adopção.

Entrevistador: [Risos] E, já agora, não sei se tu já reivindicaste por algum assunto relacionado, disseste que participaste numa manifestação, mas não sei qual seria o tema. Não sei se já participaste, se já reivindicaste por alguma questão relacionada com os direitos humanos em geral, pronto?

Entrevistado: Na minha situação, homossexualidade?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Sim, numa manifestação em Lisboa.

Entrevistador: Ok. E achas que os estudos científicos realizados em Portugal têm contribuído para maior visibilidade e entendimento da homossexualidade? Têm, achas que têm contribuído?

Entrevistado: Sim. Há mais divulgação, notícias, televisão, até filmes...

Entrevistador: Sim, e achas...

Entrevistado: Percebes...

Entrevistador: ...que também contribuído um bocado para combater o preconceito associado à homossexualidade?

Entrevistado: Sim, sim, cada vez mais.

Entrevistador: E, ao mesmo tempo, estes estudos também, provavelmente, contribuem para a revisão da legislação, não é? Pela conquista por novos direitos, sim?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ok. E achas que há - já estamos mesmo, mesmo a acabar...

Entrevistado: [Risos]

Entrevistador: ...achas que existe suficiente debate e esclarecimento sobre a questão da Reprodução Medicamente Assistida?

Entrevistado: Ainda não.

Entrevistador: Não?

Entrevistado: Ainda não. Esse assunto ainda não.

Entrevistador: Achas que deve ser mais debatido?

Entrevistado: Deve ser um dos assuntos, neste meio, que fica mais, mas muito mais para trás, sabes que isto tem que ser aos poucos. Lá está a situação que eu te disse há pouco, eles agora conseguiram o casamento e mesmo assim, percebes... e não sei, porque... nunca aprofundei esse assunto, simplesmente, não é, é legal, é legal, mas... até tu chegares a esse ponto... É assim, imagina, um casal hétero, marca o casamento, o casamento está marcado, percebes, é aquele dia, é aquele dia, e eu acho que no nosso meio não, eu nunca aprofundei este assunto, mas acho que, que eles vão, pah, não sei vão ver tudo, percebes, vão, sei lá, não sei explicar, mas demoram muito mais...

Entrevistador: É um processo mais demorado, mais complicado...

Entrevistado: Exactamente, mais lento... e mais lento, exactamente. Eu acho que sim.

Entrevistador: Ok. E, em relação, se achas que o debate sobre a adopção por casais do mesmo sexo é suficiente e esclarecedor, ou ainda não?

Entrevistado: Ainda não.

Entrevistador: Não?

Entrevistado: Não. Ainda vai levar uns anitos.

Entrevistador: E, para acabar, na tua opinião, o que é necessário para mudar as reacções contra a homossexualidade e combater a discriminação contra pessoas com orientação homossexual, sejam homens ou sejam mulheres? O que é que, na tua opinião, é necessário mudar?

Entrevistado: Olha, eu acho que as pessoas deviam fazer mais debates, mais manifestações, sejam em cidades grandes, sejam em pequenas cidades, era o essencial. Acho que as pessoas não deviam ter medo, não deviam ter receio, percebes, cada um é aquilo que é, lá está, as pessoas não têm que ter rótulos, cada um é aquilo que é, se é discriminado ou não, eu acho que as pessoas se deixam afectar por isso e quando as pessoas se deixam afectar por isso é muito complicado. Cada um tem que viver a sua vida.

Entrevistador: Portanto parte também das próprias pessoas?

Entrevistado: Da própria pessoa. Parte da própria pessoa. Esse... esse ponto é o fundamental. Acredita, mesmo, esse ponto é fundamental, depende das pessoas. Quantas e quantas pessoas, imagina, são felizes... e depois por algo, por um simples comentário, imagina, tu estás com uma pessoa, eu estou com uma pessoa, percebes, estou com uma rapariga e estou bem com essa rapariga, sou feliz da vida com essa rapariga e chega a um ponto - nem vem de ti, porque tu sabes aquilo que queres, certo - mas a pessoa que está contigo, não sabe aquilo que quer, percebes, e deixa de ser feliz por um simples comentário. É complicado. Eu acho que é mais isso. As pessoas deixam de ser felizes por causa disso, medos, receios, família, principalmente a família.

Entrevistador: Ok. Então, agora as últimas questões gerais que eu tinha falado há bocadinho. Já percebi que esta aqui, ia perguntar se já tiveste algum relacionamento estável com alguém do mesmo sexo, já percebi que sim.

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Tens religião?

Entrevistado: Não, sou ateu. [Risos]

Entrevistador: E qual é a ideologia política que melhor caracteriza, ou representa as tuas ideias? Por exemplo, não estou a falar de partidos, por exemplo, extrema-direita, direita, extrema-esquerda, esquerda, centro, por aí.

Entrevistado: Explica-me, desculpa.

Entrevistador: A ideologia política que melhor representa as tuas ideias. Não sei se as caracterizas mais com a esquerda, com a direita, em termos de ideologia política. Ou se...

Entrevistado: Esquerda.

Entrevistador: Esquerda? E pertences ou és simpatizante de alguma entidade activista, em particular pelos direitos humanos das pessoas com orientação homossexual? Não?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Pronto. Mas participas, quando... participas?

Entrevistado: Participo. Quando posso participar, participo.

Entrevistador: Ok. Pronto, damos por terminada a entrevista. Obrigada.

Entrevistado: De nada. Obrigada.